

## **Problematizações de uma aluna adolescente, lésbica e negra: anúncios para pensar outras práticas pedagógicas e formas de conhecer**

*Discussing the problems of a lesbian and black teenage student: thinking about other pedagogical practices and ways of knowing*

*Les questionnements d'une élève adolescente, lesbienne et noire: des clés pour penser à d'autres pratiques pédagogiques et à d'autres formes d'apprentissage*

Anderson Ferrari<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

Roney Polato de Castro<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** A partir da narrativa de uma aluna adolescente, lésbica e negra, o artigo problematiza as relações da escola com as homossexualidades, tendo em vista três aspectos: as homossexualidades como segredo que pode ser mantido em sigilo ou revelado na escola; as implicações da revelação desse segredo para alunas e alunos adolescentes na escola; e algumas das possibilidades de lidar com as demandas das alunas e alunos quando se trata das sexualidades, pensando no acolhimento às experiências e aos saberes construídos por essas alunas e alunos. Pensando na educação como processo de constituição de sujeitos, discutimos de que modos as relações construídas pelas alunas e alunos nos diversos espaços e tempos da escola podem nos dar pistas para anúncios de outras práticas pedagógicas e formas de conhecer. Assumimos, para nossas análises, a perspectiva pós-estruturalista, mais interessados no compartilhamento das problematizações e ênfase na constituição dos sujeitos como relacionada aos discursos.

**Palavras-chave:** Homossexualidades. Escola. Subjetivação. Poder/Saber.

**Abstract:** From the narrative of a teenage student, lesbian and black, the paper discusses the school's relations with homosexualities, through three aspects: the homosexualities as a secret that can be kept hidden or revealed in school; the implications of the revelation of this secret to adolescent students in school; and some of the possibilities to deal with the demands of students when it comes to sexuality, thinking about the reception of experiences and knowledge built by these students. Thinking about education as a process of constitution of subjects, we discuss ways in which the relationships built by students in the various spaces and times of schools can give us clues to other pedagogical practices and ways of knowing. We assume, in our analyses, the post-structuralist perspective, more interested in the sharing of problematizations and emphasizing the constitution of subjects as related to speeches.

**Keywords:** Homosexualities. School. Subjectivity. Power/Knowledge.

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Cultura Visual e Educação pela Universidade de Barcelona. Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. E-mail: aferrari13@globo.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. E-mail: polatojf@yahoo.com.br

**Résumé:** À partir du récit d'une élève adolescente, lesbienne et noire, l'article fait l'analyse des rapports entre l'école et ses homosexualités à travers trois aspects : les homosexualités en tant que secret qui peut être gardé ou révélé à l'école ; les conséquences de cette révélation pour les élèves du sexe féminin et masculin de l'école et certaines clés permettant de répondre aux questions des élèves des deux sexes concernant les sexualités, en tenant compte de l'accueil des expériences et des savoirs construits par ces élèves. Tout en pensant l'éducation comme un processus de constitution des individus, le présent article analyse la façon dont les rapports construits par les élèves dans les différents espaces et les différents temps de l'école peuvent donner des indices pour proposer d'autres pratiques pédagogiques et d'autres formes d'apprentissage. L'analyse s'appuie sur la perspective poststructuraliste dont l'intérêt principal est le partage des questionnements et l'emphase dans la constitution des individus comme étant des processus rapportés au discours.

**Mots-clés:** Homosexualités. École. Subjectivation. Pouvoir/Savoir.

*Eu não tinha certeza se eu gostava de uma menina da minha sala ou não. E tinha uma menina, ela sentava do meu lado e a gente conversava, era no 8º ano. No 6º ano, 5º, eu ainda não pensava nessas coisas não. Aí eu fui viajar, só que, antes disso, eu tinha contado pra ela, sabe, a gente tava conversando e eu tinha contado pra ela. Porque a gente tava conversando sobre isso, sabe? Aí eu fui viajar e tinha aula ainda, eu perdi só uma semana. Aí eu tava no hotel e recebi uma mensagem de celular de outra menina, “ah preciso conversar com você”. E eu tinha pedido a ela pra pegar as coisas pra avaliar, então eu pensei “deve ter sido alguma coisa que deve ter tido, prova ou alguma coisa”. Aí ela perguntou “É verdade que você tá gostando da fulana?”. Eu falei “putz”, “meu deus”, e eu falei “ah, não sei, por quê?”, “porque tá o colégio todo comentando isso”, eu falei “nossa!”, fiquei mal. Fiquei mal porque minha amiga falou um segredo que não queria relevar e porque a escola toda tava comentando. Fiquei com muito medo na hora, putz, como é que eu vou aparecer lá no colégio agora?”*

**E**ste é um trecho de uma conversa com uma aluna negra, adolescente, estudante do Ensino Médio de uma escola pública federal na cidade de Juiz de Fora. Uma conversa que é resultado de nossa ação, nas escolas da cidade, discutindo as relações de gênero e sexualidades na educação, especialmente nessa escola pública que aposta num tipo de educação voltada para o investimento nos sujeitos baseada nas problematizações e nas experimentações. Em função do interesse tanto pelo ensino quanto pela pesquisa, da realização de ações em sala de aula no que diz respeito à discussão de gênero e sexualidades e outras experimentações com cinema, de novas formas de ensino-aprendizagem e organização do cotidiano escolar, da proximidade dos/as professores/as com a universidade em que atuamos, é uma escola na qual sempre estamos presentes. No ano de 2013, não foi diferente. Havíamos concluído uma pesquisa de que a escola participou, na qual discutimos a relação dos/as adolescentes do Ensino Fundamental com a Cultura Visual e como essas articulações dizem de uma educação do olhar para a constituição e entendimento dos gêneros e sexualidades. Em 2014, fomos procurados pela professora de Artes que estava com uma proposta de discussão que nos interessava. Ela estava ensaiando uma peça teatral com um grupo de meninas e meninos,

<sup>3</sup> As narrativas de Maria (nome fictício) foram escritas em itálico, a fim de diferenciá-las das citações bibliográficas e destacá-las no texto, tendo em vista sua relevância para a elaboração do mesmo.

intitulada “Atravessando a Ponte”. A história girava em torno dos encontros de um grupo de adolescentes com questões que dizem, culturalmente, dessa fase da vida, tais como: o envolvimento com drogas lícitas, como o álcool, a preocupação com os estudos, futuro acadêmico e profissional, o início da vida amorosa e sexual, a gravidez na adolescência e a homossexualidade. A ideia da professora era apresentar a peça, num cronograma intenso de duas semanas, e, logo após cada apresentação, estabelecer uma discussão com o público sobre o que acabaram de assistir. O convite que nos foi direcionado se centrava nessa parte. Conhecedora do nosso envolvimento com a pesquisa sobre as relações de gênero e sexualidades, a professora queria nossa participação na organização de parte desse cronograma de discussão. Aceitamos prontamente o convite.

Logo na primeira discussão após a apresentação, abrimos espaço para o debate, e um depoimento nos chamou atenção. Em um determinado momento da discussão, que se concentrava fortemente na problematização dos preconceitos que podem atingir os/as adolescentes, uma aluna – Maria – tomou a palavra para falar de algo que atingia a uma suposta menina, sem determinar de quem se tratava, mas assumindo a organização de uma fala impessoal. Dizia ela: *“e quando se trata de uma menina que além de ser negra é lésbica?”*. Feita essa interrogação, ela seguiu relatando, com a voz embargada, olhando para os lados, como se estivesse verificando a reação dos alunos e alunas, que ouviram de forma atenta e em silêncio. Estabeleceu um quadro marcado pelo sentimento de abandono, que envolvia a relação entre o que seria a “verdade” do sujeito, o segredo e a revelação. Mais do que isso, ela parecia entender que aquela era a oportunidade de falar em público de algo que incomodava e que, naquele momento, se sentia fortalecida para isso. De alguma maneira, a escola conseguiu construir um contexto de debate e postura capaz de fazer essa aluna se sentir acolhida para falar das relações que eram estabelecidas na escola em torno das questões das homossexualidades.

Terminado o debate, ficamos interessados em conversar mais com a aluna para buscar informações sobre o que estava acontecendo na escola, sobretudo com um movimento que vem nos chamando atenção no nosso trabalho e que diz de dois aspectos. É cada vez mais frequente a presença de alunos e alunas que “assumem” suas homossexualidades nas escolas, e isso vem modificando a relação dessas instituições com as sexualidades, fazendo com que, frequentemente, optem por trabalharem com esse aspecto que vem dos alunos e alunas, de forma mais efetiva e sistemática. É essa conversa que vamos tomar como fio condutor neste artigo, buscando focar em três pontos: o segredo, a revelação e o acolhimento. Consideramos importante destacar o movimento de pensar a partir das experiências vividas e narradas pelas alunas e alunos nas escolas, de modo a dar voz para que esses sujeitos expressem saberes, significados e sentimentos relacionados a essas experiências. Assim, buscamos ouvir Maria, convidando-a para uma conversa em aberto, resguardando o seu anonimato e tendo a preocupação de que não houvesse qualquer tipo de constrangimento.

No trecho que abre este artigo, Maria fala de uma “incerteza” inicial, que logo se transforma numa “verdade”, num “segredo”, que passa pelo jogo entre esconder, revelar como prova de amizade, revelar como denúncia e sentir medo, compreendendo a escola como importante espaço de troca e socialização. Mais do que isso, a narrativa de Maria nos diz do entendimento das homossexualidades sempre no plural, como construção discursiva, histórica, cultural e social. Esse é o sentido que defendemos neste artigo e que nos impossibilita pensar nas homossexualidades como essência, como algo ligado a uma verdade absoluta e como uma identidade imutável. As homossexualidades dizem dos discursos, saberes, poderes e jogos de verdade que ajudamos a construir, que fortalecemos, que problematizamos, que combatemos e dos quais fazemos parte. Negociações, confrontos, disputas e construções que acontecem em diferentes instituições, dentre elas a escola.

### **O segredo**

No final do trecho que abre este artigo, nossa análise nos conduz a pensar que Maria estabelece uma relação entre segredo, revelação/denúncia, medo, ansiedade e implicação da escola: *“Fiquei mal porque minha amiga falou um segredo que não queria relevar e porque a escola toda tava comentando. Fiquei com muito medo na hora, putz, como é que eu vou aparecer lá no colégio agora?”*. O entendimento de sexualidade para esse grupo de meninas parece estar diretamente ligado à ideia de segredo. Segredo porque diz de uma “verdade” do sujeito. Um sentido que vincula sexualidade à identidade de Maria. Ela não diz de nenhuma experiência homossexual, ela fala de algo que ainda “não tinha certeza”, de algo que estava ainda conhecendo, mas que está no campo dos sentimentos, das emoções, e que, por si só, seria “suficiente” para determinar a identidade de Maria como homossexual, aprisionando-a nessa identidade.

A situação a que nos remete a narrativa de Maria faz parte da dinâmica social e cultural de construção das sexualidades, vivenciada nas escolas e para além delas, na qual, historicamente, a sexualidade veio se tornando um aspecto da intimidade dos sujeitos. Nesse contexto, as sexualidades não-heterossexuais passaram a ocupar um lugar de silenciamento e segredo, que implica sanções para aqueles/as que “ousam” assumi-las e vivê-las publicamente. A narrativa de Maria, sobre a relação que estabelece consigo mesma e com as amigas, diz dessa dinâmica de constituição. Embora saibamos que ela vem se modificando desde o século XVII, em função dos embates culturais e da visibilidade das representações atribuídas aos grupos minoritários, as tensões ligadas ao “sair ou permanecer no armário” são experienciadas por muitos sujeitos, o que implica pensar que a heterossexualidade se estabeleceu como norma a partir da qual são elaborados os parâmetros de aceitação ou repulsa das expressões dos desejos e prazeres que não se direcionam, exclusivamente, ao outro gênero. Ou seja, a lógica da norma funciona de modo que as pessoas heterossexuais não necessitam assumir publicamente ou “sair do armário”. A narrativa de Maria nos mostra que a angústia do segredo, da

negociação com as amigas e das tensões vividas na escola estão relacionadas a uma dinâmica das expressões dos desejos, que implica regulação e enquadramento. Desse modo, a construção das sexualidades envolve também a vigilância e o controle dos sujeitos, de seus comportamentos, de seus corpos, de suas relações.

Podemos pensar que a experiência homossexual é resultado de processos educativos, fruto da tensão entre saberes, poderes e subjetividades. Com a narrativa de Maria, pensamos que as meninas estão nesse jogo tenso em que lidam com um sentido de homossexualidade como algo que deve ser mantido em sigilo, em que a revelação serve para demonstrar amizade, que relaciona saber/poder. Quando a outra menina revela para toda a escola o segredo de Maria, ela adquire um poder, o poder de saber, de ter algo que ninguém sabe, apenas ela, e que define a relação dos demais com Maria. Saber/poder/prazer (FOUCAULT, 1999) que organiza o entendimento das sexualidades e especialmente das homossexualidades, porque vinculadas aos processos de subjetivação. Por isso tudo, segredo que fascina e desperta a “vontade de saber” (FOUCAULT, 1999).

Todas essas relações acontecem no interior da escola, em diferentes espaços como salas de aula, corredores, recreio, contextos em que as relações são vividas entre as alunas e alunos. O segredo também diz desse grupo de adolescentes que se constitui em torno dele, ou seja, as homossexualidades também se constituem num prazer em falar de experimentações e sensações que quase sempre não incluem os adultos. Portanto, também é algo que deve ser “escondido” dos/as adultos/as, dizem de trocas entre os meninos e meninas. Em se tratando do espaço escolar, os/as adultos/as são mais do que simplesmente adultos, mas professores e professoras que falam das sexualidades com certa cerimônia, ligada a um conhecimento escolar, muitas vezes desprovida de prazer, tesão, sensações. Ao tomar a palavra durante o debate, Maria rompe com esse grupo e coloca a escola no jogo entre saber, poder, subjetividades, implicando, portanto, a escola nessas relações. Ela rompe com o segredo, revela não somente o “seu” segredo, mas o segredo das relações entre as meninas. Quando faz isso, ela nos convida a pensar a educação em dois sentidos. Não somente a educação formal, ligada ao currículo tido como “oficial”, às disciplinas com suas práticas e saberes, à relação professores/as-alunos/as nos processos de ensino-aprendizagem, mas também uma educação no sentido mais abrangente, relacionada a essa construção dos sujeitos, que diz das relações nos pátios, recreios, trocas entre alunos/as, interação com novas tecnologias e artefatos culturais, interesses, desejos, histórias, enfim, movimentos que também compõem o que chamamos de “escola”.

*Medo de pararem de falar comigo, de começarem a ter preconceito igual quando eu estudava de tarde. Aí voltei pra casa, voltei pro colégio e minha sala era lá no final, lá perto da biblioteca. Aí eu coloquei o capuz do casaco e fui, “seja o que Deus quiser”. E aí no corredor as pessoas falavam “e aí, tô sabendo!”. Aí eu entrei na sala e*

*ninguém falou comigo. Eu sentei na minha carteira e fiquei quieta. Aí a minha amiga veio conversar, e eu perguntei se ela tinha falado, e, depois de um tempo de conversa, ela disse que contou pra outra menina, ela disse que ia guardar segredo, mas a outra menina que ficou sabendo e saiu espalhando pra todo mundo.*

O fato de saber da revelação do “seu” segredo antecipa situações, demonstrando que Maria “sabe” o que esperar das relações com uma pessoa homossexual, ou seja, a adolescente se constituiu em uma sociedade que estabelece certos modos de lidar com as pessoas homossexuais, pautados, geralmente, em estereótipos negativos. Medo, discriminação, isolamento são algumas das reações que tomaram a aluna e que ela esperava enfrentar. Falas e relações que nos convidam a pensar o sentido de homossexualidades (e de sexualidades de forma geral) como processos culturais e plurais. Como afirma Louro (1999, p. 11), “A inscrição dos gêneros – femininos e masculinos – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas desta cultura”. Assim como a construção dos gêneros, as sexualidades também dizem desses processos, como nos lembra a autora:

As possibilidades das sexualidades – das formas de expressar os desejos e os prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas relações de poder de uma sociedade (LOURO, 1999, p. 11).

Como resultado desses processos sociais, a homossexualidade se tornou uma questão e ganhou visibilidade a partir da revelação do segredo de Maria, colocando em circulação relações de poder entre as meninas – as que sabiam do segredo, as que revelaram, as que utilizaram desse saber (“*e aí, tô sabendo!*”) – e suas relações com os saberes sobre as homossexualidades, compreendendo que tal temática é parte de discursos e de significados mais abrangentes do que aquilo que a escola diz e que são construídos em diferentes espaços também educativos como igrejas, família, mídias. Nesse sentido, podemos dizer que trabalhar com as relações entre sexualidades e escolas nos possibilita colocar sob suspeita essas formas de saber que nos constituem, fazendo com que possamos tomar a cultura como uma questão central, como espaço de luta, negociação, construção e contestação. A sala de aula e as relações em torno do segredo de Maria se transformam em campos de significados que são compartilhados, construídos e disputados por diferentes grupos. Hall (1997) argumenta que o conceito de cultura está ligado a diferentes significados, e existem diversas maneiras de interpretá-lo. A produção dos significados está aprisionada nos saberes das meninas e serve para organizar, e de certa forma controlar, as práticas sociais, influenciando seus comportamentos em relação às homossexualidades de forma geral, e em relação à Maria de forma mais direta. Podemos dizer, assim, que é a cultura que nos organiza e faz as meninas se comportarem de certo modo diante do segredo de Maria.

## A revelação

Segredo e revelação parecem fazer parte do mesmo jogo de construção das subjetividades. Dois momentos que estão implicados num projeto em converter-se a si mesmo a partir daquilo que sente, das experiências e do conhecimento. Maria é capaz de elaborar um conhecimento sobre si mesma a partir das suas emoções. E, ao fazer isso, ela se transforma em objeto de seu conhecimento (FOUCAULT, 2011). Nesse sentido, para algo se tornar segredo, há necessidade de uma certa confissão do sujeito diante de um código de valores em que são estabelecidos o “certo” e o “errado”, o que pode ser dito e o que não pode. Assim, ao buscar em si mesma os sentimentos que se produzem na relação com a escola, na convivência com outras alunas/os e professores/as, nas experiências de preconceito, em diálogo com o que a sociedade classifica como tipologias das sexualidades, Maria foi capaz de se classificar como lésbica. Tal classificação aproxima a menina dos discursos de homossexualidades, fornecendo a ela elementos para reconhecer-se e enquadrar-se num grupo de pertencimento. Esses elementos são narrados por Maria em meio às incertezas de uma situação vivida na escola:

*Eu não tinha certeza se eu gostava de uma menina da minha sala ou não. E tinha uma menina, ela sentava do meu lado e a gente conversava, era no 8º ano. No 6º ano, 5º, eu ainda não pensava nessas coisas não. Aí eu fui viajar, só que antes disso eu tinha contado pra ela, sabe, a gente tava conversando e eu tinha contado pra ela. Porque a gente tava conversando sobre isso, sabe?*

Se, no quinto e sexto anos, ela não pensava “nessas coisas”, no oitavo ano parece ser o momento em que ela identifica como o “início”. Ela parece ser capaz de construir uma história da sua homossexualidade. No entanto, ela mal consegue denominar o que sente, atribuindo a expressão “nessas coisas” para se referir ao fato de sentir atração por meninas. Tampouco há necessidade de nomear. “Nessas coisas” parece já bastar para se referir à homossexualidade, dado o grau de transgressão e do sentido de “errado” que adquiriu. Entrar em contato com os sentimentos, desejos e emoções serve para que Maria seja capaz de construir uma “verdade” sobre si mesma. Uma verdade que fornece um lugar de sujeito em meio aos saberes e discursos que dizem o que são as lésbicas. Assim, ela, ao mesmo tempo em que se constitui como diferente de tantas meninas, se aproxima de outras tantas, o que nos conduz a pensar que os discursos disponibilizam significados sobre as homossexualidades, pois instituem os processos de enquadramento e os sentidos de pertencimento a essa categoria. A revelação de Maria como lésbica também serviu, aos seus amigos e amigas, para o estabelecimento de novos grupos de pertencimento. Daí o medo de Maria de ser rechaçada pelos/as colegas.

*Aí desde então as pessoas com quem eu falava tiveram um pé atrás, só um amigo é que não mudou. Eu não podia chegar perto de ninguém, conversar, que as pessoas já afastavam, sabe, daí eu fiquei muito mal, muito mal mesmo. Eu continuei sendo a mesma,*

*acho que as pessoas foram esquecendo, sabe. Hoje eu deixo bem claro, eu sou assim e depois do que eu falei aquele dia lá (referência do dia do teatro) é que as pessoas, é que caiu a ficha, eu não tenho a intenção de agarrar alguém, nada disso. Depois desse dia (da peça) melhorou, acho que a turma tá respeitando mais os outros. Na minha sala tem eu e mais duas pessoas homossexuais, mais duas meninas, não sei se tem mais, e eles tem mais respeito. Acho que todos sabem, a não ser o novato, eu nunca cheguei e disse “olá, sou Maria, sou homossexual”, sabe? Mas deve saber pelas discussões que a gente tem na sala, pelos comentários das outras pessoas, deve saber, sim, só que eles não chegam a tratar com falta de respeito, sabe?*

“Só um amigo que não mudou (...)”... “Eu continuei sendo a mesma, acho que as pessoas foram esquecendo, sabe?”. Duas frases significativas que nos convidam a pensar como vamos lidando com as identidades. Queremos saber o que os “outros” pensam, sentem, o que lhes dá prazer, com quem se relacionam, para que possamos classificá-los e, por conseguinte, estabelecer aproximações e distanciamentos. Somos uma sociedade que enquadra. E, quando fazemos isso, vamos trabalhando com uma ideia de identidade como algo fixo, eterno, absoluto. Uma vez que alguém “revela” que é homossexual, ele/a deixa de ser o/a bom/a amigo/a, o/a bom/a filho/a, o/a bom/a aluno/a para se tornar “o/a” homossexual. Maria, quando afirma ser a mesma de antes, defende que a homossexualidade é apenas um aspecto de sua constituição, de maneira que ela não entende que a sua homossexualidade, a revelação da sua intimidade e a construção da sua identidade como lésbica sejam fatores de diminuição da sociabilidade na escola. Ela sofre com essas consequências que não compreende: “*eu fiquei muito mal, muito mal mesmo*”.

Hoje ela assume outra postura: “*Hoje eu deixo bem claro, eu sou assim e depois do que eu falei aquele dia lá (referência do dia do teatro) é que as pessoas, é que caiu a ficha, eu não tenho a intenção de agarrar alguém, nada disso. Depois desse dia (da peça) melhorou, acho que a turma tá respeitando mais os outros*”. Segredo e revelação são negociações constantes na construção das sexualidades e seus significados, de forma que podemos perceber que discursos não são somente o que “revela” desejos, expõe os desejos, mas também objetos de desejo. Maria passa a ocupar outros lugares nas relações de poder, na medida em que tomou para si o desejo de se assumir e de deixar claro, para ela e para os demais, o que representa ser lésbica. Ela construiu um saber sobre suas vivências, que negocia com os saberes que os outros têm a respeito das homossexualidades. Desse modo, a reflexão sobre si mesma e a experiência vivida passam por essas relações de poder e pelos discursos de verdade que eles constroem. Segundo Pollak (1987, p. 58), “Não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo”. Para o autor, grande parte dos/as homossexuais já está convencida de sua orientação sexual antes mesmo de terem uma experiência sexual com pessoas do mesmo gênero, o que nos remete a pensar no processo de construção de si mesma como lésbica que Maria vem vivenciando, ou seja, aprendendo o que é ser uma pessoa homossexual, tomando a si mesma como objeto de saber na relação com discursos que produzem significados sobre as sexualidades.

O processo de discussão, de revelação é entendido por Maria como algo que ajudou na sua relação com os/as demais alunos e alunas e com a escola de forma geral. Estabelecer outra relação com o conhecimento sobre as homossexualidades, a partir do qual elas podem ser vivenciadas sem medo, parece importante para o desencadeamento de outras revelações e vivências com as homossexualidades: “*Na minha sala tem eu e mais duas pessoas homossexuais, mais duas meninas, não sei se tem mais, e eles têm mais respeito*”.

## O acolhimento

Se, no início da conversa, Maria foi relatando momentos difíceis a partir da descoberta como lésbica, da constituição como “segredo” e da revelação e seus impactos, ao falar da situação atual, pareceu um pouco mais tranquila, mais confortável com os/as demais colegas da sala e com a situação em torno dos conhecimentos das homossexualidades. Nesse sentido, ela parece demonstrar a importância de um trabalho qualificado nas escolas em torno das sexualidades como forma de possibilitar outras formas de saber e de ser. Mais do que isso, a história de Maria nos chamou atenção para um fato que estamos percebendo com o nosso trabalho nas escolas e que se aproxima do que Scott (1990) defende, ou seja, mesmo que não tenhamos consciência de que construímos relações de gênero, sempre o fazemos. Nesse sentido, a questão não nos parece ser tanto discutir “se” a escola faz ou não trabalho com relações de gênero e sexualidades, mas sim “qual” é o trabalho que está fazendo sem que muitas vezes se dê conta de que o está realizando.

Perguntada sobre qual o trabalho que acreditava que a escola deveria fazer e o que espera dela, Maria responde:

*Ah, depende de cada um, sabe? Palestras já tem, discussões em sala já tem, eu acho que agora é só partir da pessoa mesmo, porque a escola propõe isso, traz coisas pra gente, os professores, eles trazem textos, eu acho que a intenção deles é ajudar a gente com a matéria e também conscientizar um pouco, sabe? A professora de Ciências sempre discutiu com a gente, a de Sociologia já discutiu com a gente sobre homossexualidade e o preconceito também. Isso ajudou, na sala ajudou.*

Ao falar da escola, Maria separa o trabalho que é realizado pelas professoras e professores e a repercussão dele nos alunos e alunas. Ao mesmo tempo em que reconhece que é realizado um trabalho pelos/as professores/as, também não consegue ver a ação dele na transformação dos alunos e alunas.

*Eu acho que a escola de forma geral não lida bem com isso, eu acho que é um meio termo. Tem muita gente com preconceito aqui, que quer tirar isso a qualquer custo daqui. Eu não sei se os diretores têm preconceito, sabe?, mas igual aquele caso da menina que ficou com outra aqui no colégio, e o coordenador pegou, e eles tiveram que ligar pra casa dela e pedir pra ela se afastar, eu acho que foi uma medida muito*

*preconceituosa. Quando teve, no início do ano, depois das eleições do grêmio, a gente espalhou cartazes, “diga não à homofobia”, “diga não ao preconceito”, e também tava na época de eleição pra reitor, e a gente tava pedindo a todas as chapas. Aí o diretor me viu colando um dos cartazes e falou cola e depois você pode ir pra sala. E depois ele veio me perguntar porque eu coleí o cartaz, e eu falei que a gente tava fazendo uma campanha contra a homofobia, era um cartaz que tinha a bandeira colorida, tinha a corujinha do colégio em cima e escrito “diga não à homofobia”, eu não sabia quem tinha desenhado, pediram pra eu colar, eu coleí. Mas depois teve reunião da direção com o grêmio e disseram que isso não pode, porque vocês tão influenciando aluno, alguma coisa assim. Questão de aluno eu acho que tem alguns sim, preconceituosos, na sala, num sei, deve ter, sim, não de chegar assim e xingar, sabe? Mas, de ter nojo, de falar “ah se eu ver na rua eu bato”.*

Talvez possamos pensar no tipo de trabalho que essa escola (e tantas outras) vem realizando. Por exemplo, pensamos que é, com frequência, um trabalho pontual, limitado a algum projeto específico, palestra ou unidade de conteúdo que tenha uma relação mais direta com o tema. No caso da escola, vimos que a peça organizada pela professora de Artes poderia ter se desdobrado em muitas discussões pela escola. Pensamos também que ainda são poucos/as os/as professores/as que discutem diretamente as temáticas ligadas aos gêneros e sexualidades. Novamente argumentamos que não se trata de uma ausência dessas temáticas nas escolas – elas estão lá, porque elas fazem parte dos sujeitos, constituem as relações entre os sujeitos e contribuem para construir o que nós somos –, mas dos modos como as escolas lidam com essas temáticas, o que enfatizam ou omitem, que escolhas fazem ao realizar esse trabalho. Em sua narrativa, Maria aponta para isso, quando diz da polêmica em torno do caso das alunas que se beijaram na escola e os desdobramentos disso (a aluna teve de se afastar). Maria também narra outro movimento, construído pelas/os próprias alunas e alunos, espalhando cartazes pela escola que continham *slogans* contra a homofobia, e o medo da direção da escola de que isso poderia “influenciar” algum/a aluno/a. Dois movimentos que foram destacados por Maria: ao mesmo tempo em que ela pode discutir isso com alguns/mas professores/as nas aulas, a escola lida mal com as expressões das sexualidades que não se enquadram no que é preconizado pela heteronorma.

De algum modo, a partir da conversa com Maria, pensamos que a escola está proporcionando acolhimento às suas angústias e expectativas. Em primeiro lugar, porque está acolhendo as demandas que vêm de alunas e alunos, que vão ao encontro de suas expectativas e anseios, que transformam a escola em contexto de problematização das histórias de vida e das realidades que essas/es alunas e alunos vivenciam. Em segundo, porque está proporcionando que alunas/os como Maria se coloquem em outras posições de poder, que possam construir outras relações com os outros e consigo mesmas/os, acolhendo os seus pedidos de ajuda, as suas experiências, o saber construído com essas experiências. Maria poderia estar ocupando um lugar de plena exclusão, de violência e/ou ausência de direitos, mas na escola, apesar de identificar

que ainda há preconceitos, a aluna parece sentir que suas questões vêm sendo acolhidas, que ela pode compartilhar seus saberes sobre as homossexualidades, sobre o preconceito. Com essas posturas, a escola pode estar proporcionando não somente à Maria, mas aos/às alunos e alunas em geral, a oportunidade de desconstruir os significados culturais aprendidos e de construir outros significados e outros saberes, podendo estabelecer outras relações com as homossexualidades, não tanto absolutizadas e enquadradas em estereótipos.

### Considerações Finais

Em nossa conversa com Maria, como dissemos anteriormente, chamou a nossa atenção o fato de a aluna identificar na escola um lugar de acolhimento das questões vivenciadas por ela no que tange às homossexualidades e às situações de preconceito. Destacamos essa ideia para pensar na escola como esse espaço no qual as/os adolescentes podem construir relações pautadas na problematização dos estereótipos das sexualidades, proporcionando mudanças nas relações estabelecidas entre as/os próprias/os alunas e alunos e com os/as professores/as. “*Eu acho que eu tô conseguindo conversar melhor com todo mundo, tá todo mundo tratando um igual ao outro, antes não era assim*”. Para Maria, a melhora nessas relações com a escola, no seu caso, se deu a partir desse investimento realizado numa discussão um pouco mais qualificada. Porém, para toda proposta de discussão, devemos considerar seus limites. Assim, Maria continua pensando na escola que gostaria de ter: “*Que cada um respeitasse o outro, acho que o respeito é a coisa primordial. Tudo vem a partir do respeito, se você tem respeito com a pessoa já é um bom começo, aí você já vai se dar bem com ela. Mesmo não gostando, eu acho que o respeito é primordial*”.

O respeito e a aceitação almejados por Maria nos diz sobre o alcance das propostas implementadas pela escola. Primeiramente, porque o respeito e a aceitação se constroem a partir da problematização dos discursos responsáveis pelas imagens das homossexualidades que têm nos subjetivado, imagens essas que contribuem para pensar gays e lésbicas como seres pecaminosos, desviantes, doentes, infelizes e perigosos deturpadores da ordem. Segundo, porque não esperamos que todos os sujeitos pensem do mesmo e prontamente modifiquem suas convicções morais a partir das discussões na escola. Os investimentos pedagógicos na construção das representações culturais das homossexualidades são intensos, sutis, naturalizados, portanto, difíceis de serem delineados pelos sujeitos como algo a ser pensado, pois isso provoca a desestabilização do que somos, do que acreditamos e das relações que estabelecemos com os diversos aspectos que compõem as nossas vidas. Mas Maria aponta para algo que é fundamental e diz respeito diretamente ao que vimos preconizando: o acolhimento. Admitir que haja diferentes modos de pensar não significa aceitar que os preconceitos sejam praticados impunemente na escola (e na sociedade de modo mais amplo). Fazer conviver diferentes concepções, diferentes crenças e valores é algo desafiador, porque implica pensar, junto com os sujeitos, que nossas atitudes para com os outros têm implicações. Em geral, quando baseadas em preconceitos,

constrangem, violentam, excluem. Para muitas alunas e alunos, a escola pode ser esse espaço de sofrimento e dor, considerando que passamos grande parte da infância e adolescência compartilhando esse cotidiano com outras pessoas.

## Referências

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou a felicidade no gueto? In: ARIÉS, Philippe & BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.